

# Opção pelo desenvolvimento

Brasil deve aproveitar as oportunidades, como o pré-sal, para enterrar neoliberalismo

---

O economista Carlos Lessa, ex-presidente do BNDES, deseja que o próximo presidente não deixe de usar o pré-sal para alavancar o desenvolvimento, e ainda que não ceda a pressões por ajustes fiscais.

Ao contrário, defende que seja dobrado o investimento público em infra-estrutura, segmento que detém vantagem competitiva, já que o Brasil possui 47% da matriz energética em base renovável, enquanto o restante do mundo tem que gastar na adaptação à economia do carbono – a média mundial é de 16%.

Para o professor da UFRJ, uma efetiva distribuição de renda poderia retirar recursos do setor financeiro e financiar

a ação do Estado. “A elite fica feliz com a estagnação, pois amplia seu patrimônio. Em 1960, a participação dos salários na renda nacional era de 50%; nos países desenvolvidos, de 60%. Hoje, somente a renda de juros fica com 37%”.

Lessa alertou para a crise mundial e para o endividamento das famílias no Brasil, mas lamentou que o debate sobre as grandes questões do desenvolvimento tenham ficado esquecidas na última campanha. “Mais de 53% das famílias estão endividadas, comprometendo, em média, 39% da renda”, disse, negando que o atual governo tenha promovido uma distribuição de renda efetiva.

*Página 3*

# Tema em Debate

## *As eleições e o desenvolvimento*

### *Novo governo deve investir mais em infra-estrutura*

Decepcionado com a absoluta falta de debate sobre as grandes questões nacionais, o economista Carlos Lessa, ex-presidente do BNDES, repassou aos eleitores um conselho que recebeu do ex-deputado Ulisses Guimarães. “Preste a atenção, principalmente, ao que não é dito pelos políticos”, citou, em palestra comemorativa dos 80 anos da Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). “Não se falou em crise, nem sobre algum projeto de nação para o Brasil”, prosseguiu. O economista voltou a defender a redução dos juros e o uso do pré-sal para desenvolver o país e lembrou que nos EUA, dos US\$ 6 trilhões que os bancos norte-americanos possuem, metade corresponde a títulos imobiliários – um dos vilões da crise – e há US\$ 1 trilhão já considerado perdido.

“Os bancos estão passando a operar com câmbio, cuja movimentação, hoje em dia, é de tal ordem que uma pequena comissão já proporciona muito lucro”, ponderou. Em relação a ativos disponíveis para financiar o setor produtivo, calcula que totalizam US\$ 1,7 trilhão. “Mas os bancos não emprestam para as pequenas e médias empresas, que são as geradoras de emprego”, criticou.

Quanto à Europa, segundo o economista, que foi reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), encontra-se em situação angustiante. “Há uma enorme quantidade de títulos públicos em poder de bancos ‘bichados’. E o euro não exerce sequer a função bancária de segurar ativos podres. Optaram pela contenção de gastos e a Inglaterra acaba de demitir meio milhão de pessoas, enquanto a Alemanha desmobilizou parte das forças armadas. Significa que podemos esperar uma estagnação muito séria nos próximos anos.” Lessa alertou ainda para o fato de que 91 grandes bancos europeus não informaram sobre seus ativos públicos no teste de stress.

“Enquanto isso, o Japão patina desde 1995 e todos esperam que somente a China, que na política externa está seguindo os passos da Inglaterra vitoriana e adotando o mais cruel imperialismo, carregue a economia mundial”, ressaltou, acrescentando que no Congo e em Angola, segundo informações que recebeu de autoridades locais, os chineses não contratam africanos “nem para lavar suas roupas”. Ao contrário, segundo Lessa o país na realidade exporta seus cidadãos para o continente africano. “É um neoimperialismo assustador”, classificou. Internamente, Lessa comentou que as migrações do Norte para o Sul são um desafio para a China, pois os nortistas chineses perderam a guerra contra o esgotamento dos recursos hídricos.

#### **País do futuro?**

Quanto ao Brasil, o ex-presidente do BNDES observou que nenhuma referência à indústria foi feita, nem nos programas dos candidatos na TV, nem nos debates promovidos pelas emissoras. “Dilma fez uma única vez referência à retomada da indústria naval. No mais, parece que manteremos a expansão da soja e do gado às custas do desmatamento da Amazônia, sem que os ambientalistas, contrários a qualquer hidrelétrica, façam qualquer protesto”, criticou, acrescentando que, para gerar empregos de qualidade, o país não pode se especializar na produção de bens primários.

“Declaradamente, nenhum dos dois candidatos que concorrem ao segundo turno tem projeto de nação. É preciso ler nas entrelinhas. Não se sabe nada sobre as políticas monetária, fiscal ou cambial que adotarão, se eleitos. A campanha esteve repleta de discursos vazios”, enfatizou.

## **Infra-estrutura**

Para Lessa, se o Brasil quiser crescer pelo menos no ritmo de 5% ao ano deverá elevar sua taxa de investimentos para patamares superiores a 22%, mas no momento essa relação investimento/PIB não ultrapassa o teto dos 19%. Ele advoga que o governo dobre o investimento público e o direcione para a infra-estrutura, sobretudo energética e logística de transportes. “O investimento público alavanca o privado, mas duvido que mude o comando do Banco Central (BC)”, opinou, ponderando que o Brasil tem uma grande oportunidade de crescer a partir da recuperação da infra-estrutura, setor cujas tecnologias são amplamente conhecidas no país. “Podemos crescer muito ainda com tecnologias já conhecidas. A chave para o desenvolvimento está na infra-estrutura e na educação”, sintetizou.

O economista, no entanto, esclareceu que o investimento em educação não seria para gerar empregos, mas sim para melhorar a qualidade dos postos de trabalho. “Educar é repor capital humano. Mas formar técnicos sem crescimento econômico é o mesmo que exportar mão-de-obra barata”, comentou, frisando que 47% da energia produzida no país são provenientes de matriz renovável, ou seja, hidrelétrica, enquanto que no resto do mundo a média não supera os 16%.

“Podemos dobrar o potencial hidrelétrico, no entanto, nos próximos quatro anos, a expansão se dará através de termelétricas. Isto vai onerar as tarifas para o consumidor, que já paga o terceiro maior preço do mundo.”

## **Pré-Sal**

Lessa calcula que o pré-sal irá quadruplicar as reservas de petróleo do Brasil. Mas o país terá que escolher se segue o caminho trilhado pela Noruega, que usou o óleo para alavancar o desenvolvimento, ou pelos países árabes, ou ainda, a Venezuela, que exportam o petróleo cru. “Quero que sejamos a Noruega dos trópicos e não o Iraque no hemisfério sul”, comparou. O economista elogiou o discurso do presidente Lula, contrário a que o país exporte petróleo agora e favorável ao desen-

para indústria petrolífera, bem como ao aproveitamento dos lucros obtidos no pré-sal para a promoção do resgate social. “Mas já fizemos acordo de exploração conjunta com a China e agora os EUA estão exigindo o mesmo”, disse, lembrando que qualquer recuperação mundial fará disparar os preços no mercado internacional.

## **Revolução logística**

Lessa avalia que os transportes no Brasil vivem um momento de catástrofe. “Não temos navegação de cabotagem e o modal ferroviário participa com muito pouco na matriz de transportes, à exceção do que é carregado pela Vale e em alguns estados do Sul. Não temos integração ferroviária do Norte com o Centro Oeste, nem do Nordeste com o Sudeste. Sem falar na integração com nossos vizinhos da América do Sul. Para fazermos uma revolução logística e chegarmos ao padrão dos EUA, que é inferior ao do Japão e ao da Europa, em cinco anos, é preciso dobrar o investimento público”, calcula.

Lembrando que morre no Brasil “um Vietnã por ano” – referindo-se à guerra nos anos 60 – em acidentes de trânsito, o economista acrescentou que o país ainda tem 300 mil acidentados anualmente, que ficam, em média, nove dias internados na rede hospitalar. “A redução de custos para a Saúde com a melhoria da infra-estrutura de transportes seria enorme”, ponderou.

## **Endividamento**

Por último, o economista alertou para o crescimento econômico baseado no endividamento das famílias, como tem ocorrido no Brasil. “Mais de 53% das famílias estão endividadadas, comprometendo, em média, 39% da renda”, disse, negando que o atual governo tenha promovido uma distribuição de renda efetiva. “A elite fica feliz com a estagnação, pois está ampliando seu patrimônio. Em 1960, a participação dos salários na renda nacional era de 50% (nos países desenvolvidos 60%). Hoje, somente a renda de juros fica com 37%”, finalizou.

□ *Rogério Lessa*

Renato Araujo/ABr



Valter Campanato/ABr



*Novo presidente terá o desafio de investir em infra-estrutura e realizar distribuição de renda*

## Tarifa elétrica pode cair mais, diz especialista

Reduzir o PIS/Cofins, proposta de Dilma, e extinguir a Reserva Geral de Reversão, defesa de Serra, para forçar a queda das tarifas de energia elétrica são caminhos positivos, mas insuficientes para corrigir as imperfeições do regime tarifário.

A opinião é de Adilson de Oliveira, professor do Instituto de Economia da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e estudioso do setor elétrico.

"[Os candidatos] estão em boa direção, mas é pouco. É preciso ser mais agressivo para corrigir o regime tarifário inaceitável", afirma.

De acordo com Oliveira, o futuro presidente ainda precisará revisar todos os encargos incidentes sobre as tarifas, como a CCC (Conta Consumo Combustível), e estancar o processo de elevação das tarifas nos leilões durante o processo de renovação da chamada energia velha.

Esses contratos, de compra de energia de usinas que já foram amortizadas, começam a vencer a partir de 2012.

Oliveira critica ainda a ideia de não haver leilões para usinas termelétricas até 2014. A restrição da EPE (Empresa de Pesquisa Energética) tem o apoio da candidata Dilma. Segundo o professor, essa restrição não deveria abranger as usinas movidas a gás natural - apenas a diesel e óleo combustível.

As termelétricas, ensina o professor, são importantes para absorver o gás natural que o país terá disponível em grande escala com a exploração do pré-sal, além de aumentar a segurança do suprimento de energia elétrica.

Adilson de Oliveira defende políticas de estímulo ao consumo de gás natural, como também defendem os candidatos.

Segundo ele, quando mais espaço o gás natural ocupar na matriz energética, menos espaço terão os derivados do petróleo.